

Sobre a continuidade e mudança no âmbito da Teoria Arqueológica

About continuity and change in scope of Archaeological Theory

JULIANO FONSECA DA SILVA REZENDE*

Bacharel em Arqueologia pela Universidade Estácio de Sá

Bachelor in Archaeology from the University Estácio de Sa

RESUMO A elaboração de uma sequência temporal do registro arqueológico trata de estabelecer momentos em que há uma continuidade no processo e, em outro, quando uma ruptura é identificada. Para tanto, compreender o processo de continuidade e mudança dentro da esfera teórica torna-se um requisito indispensável. Este trabalho faz uma breve explanação desse processo e toca em alguns pontos onde apresenta questionamentos e sugestões teóricas para a observação das alterações no registro arqueológico, situação na qual a pesquisa frequentemente se vê frente a frente. Busca, ainda, observar alguns aspectos na esfera técnica que podem comprometer ou contribuir na formação de modelos arqueológicos que tenham como objetivo tratar das sequências cronológicas de um determinado espaço ou região. Em sua síntese, esta é uma tentativa teórica de trabalhar a questão, ciente das limitações e implicações das sugestões, críticas e ponderações sobre o assunto.

PALAVRAS-CHAVE pesquisa arqueológica, teoria arqueológica, continuidade e mudança

ABSTRACT The development of a temporal sequence of the archaeological record is to establish times when there is continuity in the process and another where a breach is identified. To do so, understand the process of continuity and change in the theoretical sphere becomes a prerequisite. This article is a brief explanation of this process and touches on some points which presents theoretical questions and suggestions for the observation of changes in the archaeological record, a situation in which research is often seen face to face. It's also to search to observe some aspects in the technical sphere that can undermine or contribute to the formation of archaeological models that aim to address the chronological sequences of a particular area or region. In his summary, this is a theoretical attempt to work the issue, aware of the limitations and implications of the suggestions, criticisms and considerations on the subject.

KEYWORDS archaeological research, archaeological theory, continuity and change

* Juliano Fonseca da Silva Rezende é bacharel em Arqueologia pela Universidade Estácio de Sá. Trabalha com Licenciamento Arqueológico, e Teoria Arqueológica, tendo alguns trabalhos publicados em ambas as linhas de atuação. / *Juliano Fonseca da Silva Rezende is bachelor in Archaeology from the University Estácio de Sa. Archaeological works with Licensing and Archaeological Theory, and have some papers published in both lines of work.*

Introdução

Para a maior parte das pesquisas arqueológicas, a necessidade de explicar ou mesmo justificar mudanças na sequência dos seus achados, muitas vezes, traz à tona alguns problemas de avaliação ou mesmo de interpretação. Em alguns momentos, nem mesmo é possível qualquer tentativa nesse sentido.

A coleta do material, o registro da(s) sequência(s) estratigráfica(s) e análise do conjunto de informações obtidas em campo e fora dele são fundamentais para a elaboração de qualquer sequência cronológica explicativa e consistente. A cronologia de ocupação de um sítio, ou o conjunto de sítios relacionados no espaço e no tempo, se bem estruturada, deve ser capaz de permitir a caracterização ao menos de um estado geral de continuidade ou não.

Por outro lado, na esfera teórica, a orientação do paradigma que norteia a pesquisa pode interferir de maneira determinante na montagem de quadros cronológicos. Sem essa influência, a interpretação dos vestígios e a verificação da mudança ou continuidade ficam comprometidas. Isto acontece porque, para as ciências sociais, em especial aquelas que estudam sociedades passadas, existem basicamente duas vertentes, que possuem premissas distintas. Enquanto a primeira procura construir quadros sincrônicos, buscando detalhes e explicações funcionais ou estruturais, a segunda prioriza, sobretudo, a montagem de sequências histórico-evolutivas com o mínimo possível de falhas na linha cronológica¹. Dessa maneira, nem todo paradigma utilizado pela pesquisa arqueológica possui uma óptica voltada para a explicação da sequência estratigráfica de materiais encontrados nas escavações.

Dentro desse universo, as incontáveis formas como os vestígios materiais se alteram ou permanecem os mesmos necessitam de uma estrutura analítica e descritiva, com informações que possam explicar porque houve ou não uma mudança. Espera-se que a orientação teórica direcione o arqueólogo na coleta dos vestígios e nas observações feitas durante a escavação.

Buscando conciliar a prática de campo com a base teórica, o que se propõe aqui é analisar alguns procedimentos técnicos executados no campo e verificar como eles podem interferir na elaboração de uma sequência cronológica. Sem um quadro his-

Introduction

For most of the archaeological research, the need to explain or even justify changes in the sequence of its findings often brings up some problems of assessment or interpretation. In a few moments, is not even possible any such attempt.

The collection of material, the record(s) sequence(s) stratigraphic(s) and analysis of information generated in the field and outside is critical to the development of any chronological explanatory and consistent. The chronology of occupation of a site, or set of connected sites in space and time, if well structured, should be able to allow the characterization of at least a general state of continuity or not.

By other side, in the theoretical sphere, the paradigm orientation should to interfere the research can interfere in mounting of chronological frameworks. Without this influence, the interpretation of traces and verification of change or continuity are impaired. This is because, for the social sciences, especially those who study past societies, there are basically two parts, which have different assumptions. While the first seeks to build synchronous frames, looking for details and explanations functional or structural, the second priority above all, the assembly of historical and evolutionary sequences with the least possible flaws in the timeline¹. Thus, not all paradigm used by archaeological research has focused on an optical explanation of the stratigraphic sequence of materials find in the excavations.

Within this universe, the countless ways in which material traces change or remain the same need for an analytical framework and descriptive information that can explain why there was a change or not. It is expected that the theoretical archaeologist in the direct collection of traces and observations made during excavation.

Seeking to reconcile the practice field with the theoretical basis, what is proposed here is to analyze some technical procedures performed in the field and see how they can interfere in a construct of a chronological sequence. Without a historical time built, no attempt can be made to explain the continuity or change, because haven't been created the conditions necessary for this.

¹ SILVA, C. T. "A Hermenêutica de Boas: Elementos para uma releitura da matriz disciplinar da antropologia". *Revista Habitus*, Goiânia, v. 1, n. 2, 2003, pp. 367-394.

¹ SILVA, C. T. "A Hermenêutica de Boas: Elementos para uma releitura da matriz disciplinar da antropologia". *Revista Habitus*, Goiânia, v.1, nº 2, 2003, pp. 367-394.

The way established for this integration of theory and practice gave more through philosophical. This was necessary during the production of this text. Analyzing more openly what can be the engine of cultural change, it became clear that an inductive or optical would be deterministic in the opposite direction of the explanation, ending the matter to a mere technical factor or environmental aspect.

Any effort to explain a chronological sequence is more an exercise in flexibility than a monochromatic analysis. We must view the entire spectrum, and try to frame the fact that within a range as broad as possible.

Historical Aspects

Several were the theoretical currents that have shaped the archaeological thought throughout the twentieth century. The definition and explanation of what each one was not the central focus here. This valuable approach has been made by Hodder², Trigger³, Renfrew & Bahn⁴, among others. Nevertheless, it is very important to show some examples of how the process of continuity and change was approached in the past, how come become and what contributions can be drawn from each. Any expansion of the information on the theoretical perspectives mentioned below can be found in the works cited above. The contents of this brief history are based, including, in those works already established.

The origin of the theoretical model that would be used by archeology in the early twentieth century took place decades earlier, in an ethnographic vision that sought to explain the various cultures that Europeans were faced with the expansion in Africa, Asia and the Americas. These striking cultural differences were primarily explained by a theoretical school named Cultural Evolutionism.

Based on the ideas of Morgan Lewis, Herbert Spencer, E. B. Taylor among others, the works based on this optical looking fit societies within an evolutionary straight model, with three stages, starting from savagery, through barbarism and

tórico temporal bem elaborado, nenhum esforço pode ser feito para explicar a continuidade ou a mudança, pois não terão sido criadas as condições necessárias para isso.

O caminho estabelecido para fazer essa integração entre teoria e prática se deu mais pela via filosófica. Isto se fez necessário ao longo da produção deste texto. Analisando de forma mais aberta o que pode ser o motor de uma mudança cultural, ficou claro que uma óptica indutiva ou determinista estaria no sentido contrário da explicação, encerrando o assunto a um mero fator técnico ou aspecto ambiental.

Qualquer esforço para explicar uma sequência cronológica é mais um exercício de flexibilidade do que uma análise monocromática. É preciso visualizar todo o espectro, e tentar enquadrar o fato dentro de um leque tão amplo quanto possível.

Aspectos Históricos

Diversas foram as correntes teóricas que moldaram o pensamento arqueológico ao longo do século 20. A delimitação e explicação do que foi cada uma não é o foco central aqui. Esse valioso tipo de abordagem já foi feito por Hodder², Trigger³, Renfrew & Bahn⁴, entre outros. Não obstante, é de suma importância mostrar alguns exemplos sobre como o processo de continuidade e mudança foi abordado no passado, o modo como veio se transformando e que contribuições podem ser retiradas de cada um. Qualquer ampliação nas informações sobre as correntes teóricas mencionadas a seguir pode ser obtida nos trabalhos citados acima. O conteúdo deste breve histórico se baseia, inclusive, nestas obras já consagradas.

A origem do modelo teórico que seria usado pela arqueologia no início do século 20 se deu décadas antes, dentro de uma visão etnográfica que buscava explicar as diversas culturas com as quais os europeus se deparavam com a expansão pela África, Ásia e Américas. Essas marcantes diferenças culturais foram primeiramente explicadas por meio de uma corrente teórica denominada Evolucionismo Cultural.

Baseados nas ideias de Lewis Morgan, Herbert Spencer, E.

² HODDER, I. *Interpretación en Arqueología*. São Paulo: Ed. Perspectiva. 1994.

³ TRIGGER, B. G. *História do Pensamento Arqueológico*. São Paulo: Odysseus Editora. 2004.

⁴ RENFREW, C. & BAHN, P. *Arqueología: Teorías, Métodos y Prácticas*. Barcelona: Akal. 1993.

² HODDER, I. *Interpretación en Arqueología*. São Paulo: Ed. Perspectiva. 1994.

³ TRIGGER, B. G. *História do Pensamento Arqueológico*. São Paulo: Odysseus Editora. 2004.

⁴ RENFREW, C. & BAHN, P. *Arqueología: Teorías, Métodos y Prácticas*. Barcelona: Akal. 1993.

B. Taylor entre outros, os trabalhos realizados nesta óptica procuravam encaixar as sociedades dentro de um modelo evolutivo retilíneo, com três estágios, partindo da selvageria, passando pela barbárie e chegando por último, na civilização, patamar onde os europeus se encontravam⁵. Esses estágios seriam alcançados por todas as sociedades ao longo do tempo, e o processo de “ascensão” era constante, embora mais lento em alguns casos. Essa ideia se apoiava basicamente na crença positivista de crescente expansão capitalista e na fé no progresso.

No início do século 20, em face do cenário econômico e social desfavorável que a ideologia do modelo capitalista enfrentava, especialmente após a Primeira Guerra Mundial, o modelo evolutivo-progressista defendido pelo Evolucionismo Cultural entrava em declínio. Ao mesmo tempo, a ideia de que as diferenças tecnológicas, sociais e culturais seria disseminada por meio de um processo de difusão ganhava força. Tendo como ponto de partida as ideias de Franz Boas, as sociedades então, seriam mais resistentes às mudanças, adquirindo-as sobremaneira por meio do contato com outros grupos que se situavam à sua volta. As invenções seriam raras, e passariam adiante pelo contato, podendo alcançar locais muito distantes do ponto de origem.

Observando dentro de um quadro político mais amplo, com a crise econômica do período entreguerras, a Europa via crescer uma necessidade de autoafirmação dos Estados Nacionais. A busca por momentos de uma pré-história local que pudesse aguçar e exaltar as identidades locais era estimulada, especialmente por governos nacionalistas.

Foi nesse ambiente que a arqueologia se desligou de suas raízes etnográficas e desenvolveu os primórdios de sua pesquisa, quando os arqueólogos esboçam os primeiros quadros locais, mostrando momentos específicos da pré-história. Qualquer alteração identificada dentro de um contexto cronológico relutantemente seria inserida em uma explicação difusionista.

O advento de inovações tecnológicas, porém, não é sabidamente um fato costumeiro. Sintetizado pela escola boasiana⁶, o difusionismo surgiu como uma forte reação ao modelo evolucionista, argumentando que as sociedades eram frutos de um processo de criação (pouco frequente) e transmissão (muito fre-

finally arriving in civilization level where the Europeans were⁵. These stages were achieved in all societies over the time, and the process of “rise” was consistent, although slower in some cases. This idea is supported primarily positivist belief in the capitalist expansion and increasing faith in progress.

In the early twentieth century, in the face of unfavorable economic and social scenario that the ideology of the capitalist model faced, especially after the First World War, the evolutionary model advocated by progressive-cultural Evolutionism went into decline. At the same time, the idea that technological differences, social and cultural rights would be disseminated through a diffusion process gained momentum. Taking as starting point the ideas of Franz Boas, the companies would then be more resistant to change, acquiring them enormously through contact with other groups located around them. Inventions would be rare, and would later through contact and can reach places far away from the point of origin.

Looking within a broader political framework, with the economic crisis of the interwar period, Europe saw a growing need for self-assertion of national states. The search times of a prehistoric site that could heighten and exalt the local identities was encouraged, especially by nationalist governments.

It was this environment that archeology has disconnected from its roots ethnographic and developed the beginnings of his research, when archaeologists outline the first local staff, showing different stages of prehistory. Any changes identified within a chronological context would reluctantly insert into a diffusionist explanation.

The advent of technological innovations, however, is not known to be a common fact. Synthesized by the Boasian school⁶, the diffusionism emerged as a strong reaction to the evolutionary model, arguing that societies were results of a creative process (rare) and transmission (very frequent). Any cultural trace of any nature, could be passed and repassed, and societies at the time they were studied, would be the synthesis of little invention and a lot of assimilation.

⁵ LAPLANTINE, F. *Aprender antropologia*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

⁶ MOURA, M. M. *Nascimento da Antropologia Cultural: A Obra de Franz Boas*. São Paulo: Hucitec. 2004.

⁵ LAPLANTINE, F. *Aprender antropologia*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

⁶ MOURA, M. M. *Nascimento da Antropologia Cultural: A Obra de Franz Boas*. São Paulo: Hucitec. 2004.

Despite its proven utility in archeology this is a prospective that should be prepared when you have a large amount of data, preferably in a broader geographical context. Plot a route for the dissemination of a particular cultural trace may be too complex, but it will certainly be of great scientific value. However, although there is no predetermined minimum size for that matter, studies that take priority in very small geographical contexts may have distorted information about the points of origin and direction of the dispersion. Without booth, indeed, a diffusionist approach would lose its meaning. Strait way, explanations based on broadcasting would not be far out in relation to explanations in small areas.

The way the change could be explained suffered a quite radical rupture in relation to the positivist precepts. As Trigger notes: *...a new conception of historical and cultural prehistory was so deeply rooted in a pessimistic assessment of cultural change and human creativity as the evolutionary design had been rooted in evolutionary optimistic view of these topics*⁷.

However, with a huge part of pre-history yet to be known, as far as the new Culture-Historical archaeologists could do at that moment was to seek the formation of historical paintings for a greater understanding of local settlements. In regions where there was great lack of archaeological data, the establishment of these sequences already represented in itself a great challenge. Loosely speaking, this practice is still used in some regions lack of studied to this day.

What is now had at that time was, the evolutionist model straight upward, the diffusionism, which in turn reduced the inventive nature of man a level necessarily restricted, and finally, sequential studies Culture-historical were not aimed at the search for an explanation for cultural change. Thus, the diffusionist approach, the evolutionary scheme model straight upward, as well as the Culture-historical models, did not seek satisfactory responses to cultural change. In this scenario, there is a shortage in the formulation of explanations for the temporal sequence established.

It is necessary to emphasize that wasn't still a major concern with the explanations of how cultures change suffered. The reality of archeology needed more information than explanations of their findings. So that the detailed descriptions

quente). Qualquer traço cultural, de qualquer natureza, poderia ser passado e repassado, e as sociedades, no momento em que eram estudadas, seriam a síntese de pouca invenção e muita assimilação.

Apesar de sua comprovada utilidade, para a arqueologia essa é uma perspectiva que deve ser elaborada quando se tem uma grande quantidade de dados obtidos, preferencialmente em um contexto geográfico amplo. Traçar uma rota de difusão de um determinado traço cultural pode ser demasiado complexo, mas certamente será de grande valor científico. No entanto, embora não exista uma dimensão mínima pré-determinada quanto a isso, estudos que levem em conta contextos geográficos muito pequenos podem apresentar informações distorcidas em relação a pontos de origem e direção da dispersão. Sem essas duas informações, aliás, um enfoque difusionista perderia seu sentido. Em suma, explicações baseadas na difusão não seriam muito indicadas no que tange a explicações em pequenas áreas.

A forma como a mudança poderia ser explicada sofria uma ruptura bastante radical em relação aos preceitos positivistas. Como observa Trigger: “[...] a nova concepção histórico-cultural da pré-história estava tão profundamente arraigada em uma avaliação pessimista da mudança cultural e da criatividade humana quanto a concepção evolucionista estivera arraigada numa visão otimista destes tópicos.”⁷

Entretanto, com uma imensa parte da pré-história ainda por ser conhecida, o máximo que os novos arqueólogos histórico-culturalistas poderiam fazer, naquele momento, era buscar a formação de quadros históricos para um maior entendimento das ocupações locais. Em regiões onde havia grande carência de dados arqueológicos, o estabelecimento destas sequências já representava por si só um grande desafio. Guardadas as devidas proporções, essa prática ainda é utilizada em regiões pouco estudadas até os dias atuais.

O que se tinha então, nesse momento, era: o modelo retilíneo-ascendente do evolucionismo; o difusionismo, que por sua vez, reduzia a natureza inventiva do homem a um nível forçosamente restritivo; e por fim, estudos sequenciais histórico-culturalistas que não tinham como objetivo a busca por qualquer explicação para mudanças culturais. Dessa forma, a abordagem difusionista, o esquema evolutivo rígido do evolucionismo, assim

⁷ TRIGGER. B. *Op. cit.*, p.168.

⁷ TRIGGER. B. *Op. cit.*, p. 168.

como os modelos histórico-culturalistas, não buscavam respostas satisfatórias para a mudança cultural. Nesse cenário, constata-se uma carência na formulação de explicações para as sequências temporais estabelecidas.

É necessário reforçar que não havia ainda uma preocupação maior com as explicações sobre como as culturas sofriam mudanças. A realidade da arqueologia necessitava mais de informações do que explicações sobre seus achados. Tanto que as descrições detalhadas das escavações realizadas nesse momento se constituem como ponto de partida para os trabalhos que se seguiram⁸, com a elaboração de estudos arqueológicos mais complexos posteriormente.

A primeira fase, que trata das explicações sobre os sítios arqueológicos, se inicia na década de 1930, com a arqueologia funcionalista de G. Clark e com a estruturação teórica de Gordon Childe, baseada na sua interpretação do Materialismo Histórico. Para melhor explicar a dinâmica das sociedades, o funcionalismo de Clark baseava-se na teoria estabelecida por B. Malinowski e Radcliffe-Brown, em que os sistemas sociais funcionavam como um organismo, com cada elemento contribuindo para o todo de forma interdependente aos demais elementos; e assim, com todas as suas partes exercendo bem suas funções, o todo também teria um bom funcionamento. O estudo teria como objetivo a identificação das estruturas socioculturais e como elas funcionavam.

Apesar de representar um considerável avanço na teoria arqueológica em relação ao modelamento engessado do Histórico-Culturalismo, o papel da mudança social não era o principal destaque da teoria funcionalista, ficando relegada a um segundo plano, geralmente associada a fatores ambientais.

Em *A Identidade do Homem*, Grahame Clark dedica um capítulo inteiro sobre a “Gênese da diversidade Cultural”. O caráter funcionalista de sua abordagem fica claro quando cita:

A título preliminar, vale recordar que as estruturas sociais e os padrões culturais por cujo intermédio as comunidades humanas funcionavam eram objeto do processo seletivo, não menos que as dotações biológicas dos organismos, no transcurso do processo evolutivo.⁹

⁸ DIAS, O. *et al.* “Pesquisas Arqueológicas no Estado do Tocantins Projeto SALTMISSA (Relatório Final)”. *ACOÉME Revista de divulgação científica do Núcleo Tocantinense de Arqueologia – UNITINS*, Porto Nacional, n. 1. 2002, pp. 8-67.

⁹ CLARK, G. 1985. *Identidade do homem: uma exploração arqueológica*. Rio de Janeiro:

of the excavations make at this moment constitute the starting point for the work that followed⁸, with later development of archaeological studies more complex.

The first phase deals with explanations of the archaeological sites begins in the 1930s, with archeology functionalist G. Clark and the theoretical structure of Gordon Childe, based on his interpretation of Historical Materialism. To better explain the dynamics of societies, Clark’s functionalism was based on the theory set established by B. Malinowski and Radcliffe-Brown And, in that the systems functioned as a social organism, with each element contributing to the whole interdependently with the other elements, and so, with all its parts and exercising its functions, the whole would have a good operation. The study would aim to identify the socio-cultural structures and how they worked.

Although it represents a considerable advance in archaeological theory in relation to modeling plaster Culture-Historical, the role of social change was not the main focus of functionalist theory, being relegated to the background, usually associated with environmental factors.

In *The Identity of Man*, Grahame Clark devotes an entire chapter on the “Genesis of Cultural Diversity.” The functionalist character of his approach becomes clear when he quotes:

“The preliminary title, it is worth remembering that social structures and cultural patterns through which human communities worked were the object of the selection process, no less than the appropriations of biological organisms in the course the evolutionary process.”⁹

That said, the emphasis on cultural responses to environmental factors is evident. Insofar as the environment inevitably stirs the social organization around it, the whole chain is altered as a result of this stimulus. Clark, however, makes a distinction between biological evolution and cultural noting that human communities have the option to satisfy

⁸ DIAS, O. *et al.* “Pesquisas Arqueológicas no Estado do Tocantins Projeto SALTMISSA (Relatório Final)”. *ACOÉME Revista de divulgação científica do Núcleo Tocantinense de Arqueologia – UNITINS*, Porto Nacional, n.1. 2002, pp. 8-67.

⁹ CLARK, G. 1985. *Identidade do homem: uma exploração arqueológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 76.

non-material values, adding that:

“Societies that undermined its effectiveness beyond a certain point they could find it difficult to compete with others in situations not so disadvantageous in terms of survival. Moreover, not long in being reached the point beyond which the members would no longer be willing to pay the burden. Standard cultural and social systems, it is complete, may be retained as they are able to compete effectively competing with and at the same time retaining the acceptance of its members. If either of these requirements cannot be fulfilled, survival can only be achieved at the cost of adaptation and change.”¹⁰

Although cast upon society a highly competitive character set in biological evolution, the exception made in relation to the satisfaction of immaterial needs is important, even within the scope of the author, this value is small. However, it is certainly too high the notion that everything is a matter of “profit”, especially when it comes to cultural traits. Not always a given cultural trait brings economic benefits in terms of survival and maintenance of the establishment, and may even incur the opposite.

The Brazilian colonial history offers a clear example of this fact when it shows the large amount of adaptive responses given by populations indigenous to the population pressure in the process of Portuguese occupation of Brazilian territory, as shown in Fausto¹¹, Monteiro¹², Silva¹³. Wars, migration / leakage and reductions are forms of resistance and adaptation to illustrate the multivariate nature of the strategies adopted in the quest for survival. All these measures, adopted by a large number of distinct cultures in the face of a

Isto posto, a ênfase dada às respostas culturais a fatores ambientais é evidente. Na medida em que o ambiente forçosamente mexe com a organização social em torno dele, toda a cadeia se altera, em decorrência desse estímulo. Clark, no entanto, faz uma distinção entre a evolução biológica e a cultural, ressaltando que as comunidades humanas possuem a opção por satisfazer valores não materiais, acrescentando que:

As sociedades que prejudicavam sua eficácia além de um certo ponto podiam encontrar dificuldades para competir com outras em situação não tão desvantajosa em termos de sobrevivência. Além disso, não tardaria em ser atingido o ponto além do qual os membros deixariam de estar dispostos a pagar o ônus. Padrões culturais e sistemas sociais, vale concluir, só podem ser mantidos na medida em que são capazes de competir com eficácia com rivais e, ao mesmo tempo, reter a aceitação de seus membros. Se um ou outro desses imperativos não puder ser satisfeito, a sobrevivência só poderá ser assegurada ao preço da adaptação e mudança.¹⁰

Apesar de lançar sobre a sociedade um caráter competitivo eminentemente marcado na evolução biológica, a ressalva feita em relação à satisfação de necessidades imateriais é importante, mesmo que, dentro do escopo do autor, esse valor seja pequeno. No entanto, é decerto demasiada a noção de que tudo é uma questão de “lucro”, principalmente em se tratando de traços culturais. Nem sempre um determinado traço cultural traz benefícios econômicos em termos de sobrevivência e manutenção do *establishment*, podendo até mesmo, incorrer ao oposto.

A história colonial brasileira oferece um exemplo muito claro deste fato quando mostra a grande quantidade de respostas adaptativas dadas pelas populações indígenas à pressão demográfica portuguesa no processo de ocupação do território brasileiro, conforme demonstrado em Fausto¹¹, Monteiro¹² e Silva¹³.

¹⁰ CLARK, G. *Op. cit.*

¹¹ FAUSTO, C. “Fragmentos de História e Cultura Tupinambá: Da Etnologia como Instrumento Crítico de Conhecimento Etno-Histórico”, in: CUNHA, M. C. (org.). *História dos Índios do Brasil*, 2ª Edição. São Paulo: Companhia das Letras/FAPESP/SMC. 1992, pp. 381-396.

¹² MONTEIRO, J. M. “Os Guarani e a História do Brasil Meridional: Séculos XVI-XVII”, in: CUNHA, M. C. (org.). *História dos Índios do Brasil*, 2ª Edição. São Paulo: Companhia das Letras/FAPESP/SMC. 1992, pp. 475-498.

¹³ SILVA, C. A 2008. “Interpretando os mundos: contatos entre os Akwen e os conquistadores luso-brasileiros em Goiás (1749-1811)”, in: ATHIAS, R. & PINTO, R. P. (org.). *Estudos Indígenas: comparações, interpretações e políticas*. São Paulo: Contexto. 2008, pp. 61-82.

Zahar, 1985, p. 76.

¹⁰ CLARK, G. *Op. cit.*

¹¹ FAUSTO, C. “Fragmentos de História e Cultura Tupinambá: Da Etnologia como Instrumento Crítico de Conhecimento Etno-Histórico”, in: CUNHA, M. C. (org.). *História dos Índios do Brasil*, 2ª Edição. São Paulo: Companhia das Letras/FAPESP/SMC. 1992, pp. 381-396.

¹² MONTEIRO, J. M. “Os Guarani e a História do Brasil Meridional: Séculos XVI-XVII”, in: CUNHA, M. C. (org.). *História dos Índios do Brasil*, 2ª Edição. São Paulo: Companhia das Letras/FAPESP/SMC. 1992, pp. 475-498.

¹³ SILVA, C. A 2008. “Interpretando os mundos: contatos entre os Akwen e os conquistadores luso-brasileiros em Goiás (1749-1811)”, in: ATHIAS, R. & PINTO, R. P. (org.). *Estudos Indígenas: comparações, interpretações e políticas*. São Paulo:

Guerras, migrações/fugas e reduções são formas de resistência e adaptação que ilustram bem o caráter multivariado das estratégias adotadas na busca pela sobrevivência. Todas essas medidas, adotadas por um enorme número de culturas distintas ante um movimento que exerceu tamanha pressão, mostram o quanto é complicado tentar aplicar uma regra geral ao processo de adaptação sobre esses povos.

Por outro lado, parece evidente que alterações climáticas mais ou menos severas podem influenciar de forma significativa sociedades cujos meios de produção são restritos ou pouco eficientes. Sociedades industriais, pré-industriais, neolíticas e paleolíticas, têm em geral, na sequência inversa, maior dependência de condições ambientais favoráveis na obtenção de alimentos. Ainda assim, mesmo em sociedades industrializadas, as condições ambientais ainda detêm grande força para gerar estagnação e problemas internos por falta de oferta de quaisquer gêneros, especialmente de caráter alimentício.

Entretanto, a resposta a essa demanda pode estar dentro da própria sociedade. Se ignorarmos os aspectos culturais, a consequência imediata para a crise sugerida acima, como postula a corrente funcionalista, seria uma mudança adaptativa. A sociedade se reorganizaria (as possibilidades são muitas) de modo a superar o momento turbulento. É uma questão de adaptação. No entanto, parece mais prudente postular que as respostas adaptativas, quaisquer que sejam, passam necessariamente pelo âmbito cultural. Assim, a resposta dada por uma sociedade a uma determinada demanda exógena que necessite de adaptação está indissociavelmente ligada a fatores culturais, embora os efeitos percebidos mais facilmente pareçam tratar apenas da garantia da subsistência.

Gordon Childe, por outro lado, além de formular um corpo teórico tão robusto quanto o funcionalismo, dá especial destaque aos processos de continuidade e mudança sociocultural. De partida, ele aceita o difusionismo como um fato aplicável, mas não como o único determinante para a assimilação de quaisquer traços culturais.

Considerando o esquema evolucionista como um modelo, é possível afirmar que é com Childe que surge a primeira estruturação aplicável na tentativa de explicação, dentro de um contexto arqueológico-cronológico, para os processos que levam

movement that exerted such pressure, show how complicated it is trying to apply a general rule the adaptation about these people.

Moreover, it is apparent that changes more or less severe climate can significantly influence societies whose means of production are restricted or inefficient. Industrial societies, preindustrial, neolithic and paleolithic, are generally in reverse sequence, greater dependence on favorable environmental conditions in obtaining food. Still, even in industrialized societies, environmental conditions still hold great power to generate stagnation and internal problems due to lack of supply of any genre, especially food character.

However, the response to this demand can be within the society itself. If we ignore the cultural aspects, the immediate consequence of the crisis suggested above, as the current functionalist postulates, would be an adaptive change. The society was reorganized (the possibilities are many) in order to overcome the critical moment. It is a matter of adaptation. However it seems more prudent to postulate that the adaptive responses, whatever, go through the cultural sphere. So, the answer given by a society on a given exogenous demand requiring adaptation is inextricably linked to cultural factors, although the effects seem more easily perceived treat only the guarantee of subsistence.

Gordon Childe, by other side, in addition to formulating a theoretical framework as robust as functionalism, gives special emphasis to the processes of continuity and change social and cultural. Departure, he accepts the diffusionism as a fact applicable, but not as the sole determinant for the assimilation of any cultural traces.

Considering the evolutionary scheme as a model, we can say that with Childe is the first structure that arises in trying to explain applicable, within an archaeological-chronologic context, to the processes that lead society to a option to change or not.

Other factors outside the environmental sphere should also be included. In: What Happened in History, Gordon Childe¹⁴ dealt with the social change to another plan. When introducing the concept of revolution, the author shows how technological changes can bring new means of production, able to provide improvements in quality

¹⁴ CHILDE, V. *O que Aconteceu na História*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1960.

of life, which would be directly reflected in the increasing population of prehistoric societies. The advent of a new hunting technology, for example, could generate a significant gain in the amount of protein available. With greater capacity to generate food, the growing number of individuals in the group tends to increase naturally.

The most important thing is that it opens a new perspective. In addition to environmental adaptation suggested by Clark, the element technology is also identified as capable of causing social change and produce sequences of different materials in the archaeological record. The emergence of a new type of tool along the stratigraphic sequence of the archeological site obviously indicates that something has been added. It's not necessarily meaning a gain, but a technological change cannot be ignored in this context.

The next generation of archaeologists being again a period of economic splendor and bring back ideas and the belief in evolutionary progress. Julian Steward and Leslie White proposed a new evolution, even assuming evolution from primitive to more developed, but accepting that each society moves forward on its own way, multilinear cultural evolution character and without rigid or pre-defined stages, characteristics or *sine qua non*.

The called Processual Archaeology, or New Archaeology, is based on these assumptions, given that societies are shaped in response to stimuli provided by the environment in which they live. The adaptive processes produce the material culture found by archaeologists. Thus, this new vision was the change processes as responses to different external conditions. Thus, the human predisposition would be representing his *modus operandi*, and this would be any changes due to exogenous forces. The response to this stimulus, however, is endogenous. Each society would create the necessary means for the resulting adaptation.

The external factors may be biological, ecological, economic, etc., but the answers to them would have a limited number of possibilities. According to this approach, the same response may be due to different stimuli, whereas the same stimulation may produce different results. Clearly, therefore, that in fact there was great concern on the part of Processualists the interpretation of the transformation or stagnation of the remains found. The variable, however, were factors which have greater

uma sociedade à opção de mudar ou não.

Outros fatores fora da esfera ambiental também devem ser incluídos. Em: *O que Aconteceu na História*, Gordon Childe¹⁴ tratou da mudança social em outro plano. Quando introduz o conceito de Revolução, o autor mostra como alterações de ordem tecnológica podem trazer novos meios de produção, capazes de proporcionar melhorias na qualidade de vida, o que estaria diretamente refletido no aumento populacional de sociedades pré-históricas. O advento de uma nova tecnologia de caça, por exemplo, poderia gerar um ganho significativo na quantidade de proteínas disponíveis. Com maior capacidade de gerar alimentos, o crescimento do número de indivíduos do grupo tenderia a aumentar naturalmente.

O mais importante é que se abre uma nova perspectiva. Além da adaptação ambiental sugerida por Clark, o elemento tecnologia também é identificado como capaz de causar transformações sociais e produzir sequências materiais diferentes no registro arqueológico. O aparecimento de um tipo novo de ferramenta ao longo da estratigrafia de um sítio, obviamente indica que algo foi acrescentado. Não significa necessariamente um ganho, mas uma alteração tecnológica não pode ser ignorada nesse contexto.

A geração seguinte de arqueólogos viveria novamente um período de esplendor econômico e traria de volta as ideias evolucionistas e a crença no progresso. Julian Steward e Leslie White propuseram um novo evolucionismo, ainda partindo do princípio evolutivo do primitivo ao mais desenvolvido, mas aceitando que cada sociedade avança conforme seu caminho próprio, de caráter multilinear e sem estágios rígidos ou pré-definidos, ou com características *sine qua non*.

A chamada Arqueologia Processual, ou Nova Arqueologia, se baseia nesses pressupostos, considerando que as sociedades se moldam em resposta aos estímulos fornecidos pelo ambiente em que vivem. Os processos adaptativos geram a cultura material encontrada pelos arqueólogos. Dessa forma, essa nova visão tratava os processos de mudança como respostas a condições externas diferentes. Assim, a predisposição humana seria representação do seu *modus operandi*, e qualquer alteração deste seria decorrente de forças exógenas. A resposta a esse estímulo, entretanto, seria endógena. Cada sociedade criaria os meios necessários para a decorrente adaptação.

¹⁴ CHILDE, V. *O que Aconteceu na História*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1960.

Os fatores externos podem ser de ordem biológica, ecológica, econômica etc., mas as respostas a eles teriam um número limitado de possibilidades. De acordo com esta abordagem, a mesma resposta poderia ser dada a estímulos diferentes, ao passo que o mesmo estímulo pode produzir resultados distintos. É evidente, portanto, que de fato houve uma grande preocupação por parte dos processualistas pela interpretação da transformação ou estagnação dos vestígios encontrados. A variável, no entanto, foram fatores, os quais teriam mais peso no processo como um todo.

O Materialismo Histórico oferece uma interpretação um pouco diferente. Lumbreras¹⁵ e Bate¹⁶ apresentam uma alternativa clássica para a pesquisa arqueológica segundo os preceitos de Marx e Engels. Um processo de mudança seria desencadeado em um conflito entre a infraestrutura, onde estariam os aspectos funcionais de subsistência e produção de víveres; e a superestrutura, onde operam aspectos imaginários e ideológicos como religião, mitos, tabus etc. O descompasso entre esses dois polos da sociedade causaria um movimento de reorganização da sociedade para que houvesse o retorno do equilíbrio entre super e infraestrutura.

Este ponto de vista traz uma peculiaridade interessante. Enquanto que para alguns, fatores externos seriam causadores das mudanças na sociedade, como forma de adaptação, no processo de mudança analisado pelo Materialismo Histórico, o fator principal para qualquer mudança se dá dentro da esfera social. Por mais que forças externas possam estar em ação, o processo de adaptação passa, necessariamente por aspectos da sociedade que não são meramente funcionais. O universo ideológico participa ativamente da tomada de decisões quando o assunto é a satisfação de necessidades biológicas como alimentação, território etc.

Até este momento, apesar das diferenças evidentes, todas as propostas apresentadas mostram a mudança social sob um mesmo prisma. Embora os fatores primordiais para o início do processo de mudança sejam diferentes, todos tratam o fato como uma forma de ruptura, uma relação de causa e efeito quase imediato. De fato, isto possivelmente ocorreu em diversos casos e circunstâncias, mas, em outros momentos, alterações na deposição

weight in the whole process.

The Historical Materialism offers a somewhat different interpretation. Lumbreras¹⁵ and Bate¹⁶ present a classical alternative to the archaeological research according to the precepts of Marx and Engels. A process of change would be triggered in a conflict between the infrastructure, which would be the functional aspects of subsistence and food production, and the superstructure, where they operate imaginary and ideological aspects as religion, myths, taboos, etc. The gap between these two poles of society would cause a movement to reorganize society so that there was the return of the balance between super and infrastructure.

This view brings an interesting peculiarity. While for some, would be external factors causing the changes in society as a means of adaptation, in the process of change analyzed by historical materialism, the key to any change occurs within the social sphere. As much as external forces may be at work, the adaptation process, necessarily through for aspects of society that are not purely functional. The ideological universe participates actively in decision making when it comes to the satisfaction of biological needs such as food, territory, etc.

Until this moment, despite the obvious differences, all the proposals submitted show social change under the same prism. Although the primary factors for the start of the process of change are different, all treat it as a kind of rupture in a relationship of cause and effect almost immediately. In fact, it probably occurred in several cases and circumstances, but at other times, changes in the deposition of archaeological remains that have slowly and gradually.

Once again trends in ethnological work, appears an alternative to approach to the functional / procedural focus in the society in archaeological research. Adopting elements of structuralism of Levi-Strauss, as archaeologists like Leroi-Gourham¹⁷ and Deetz¹⁸, suggested a structuralist approach to archeology. In the search for structures of thought and its significance in material culture,

¹⁵ LUMBRERAS, Luis Guillermo. *Arqueología como ciencia social*. Peru: Ed. Histar, 1974.

¹⁶ BATE, Luis Felipe. *Arqueología y materialismo histórico*. México: Ed. De Cultura Popular, 1978.

¹⁷ LEROI-GOURHAN, A. *Le Geste et la Parole, tome 1 : Technique et Langage*. Paris: Albin Minchel, 1964.

¹⁸ DEETZ, J. *Invitation to archaeology*. New York: The Natural History, 1967.

¹⁵ LUMBRERAS, Luis Guillermo. *Arqueología como ciencia social*. Peru: Ed. Histar, 1974.

¹⁶ BATE, Luis Felipe. *Arqueología y materialismo histórico*. México: Ed. De Cultura Popular, 1978.

structuralist archeology seeks to associate the archaeological material to larger meanings of culture, seeking an explanation for the pattern making-style-representation within a cultural whole, which is reflected in the culture material.

Here can be found a very valuable addition made by André Leroi-Gourhan¹⁹. Going through the course of history, the passage of the social structures of primitive groups for the beginnings of the agricultural economy, the author quotes sites in the Middle East for 2 millennia show the passage of almost imperceptible hunting-recollecting society's clusters with cultivation of wheat and goats. This change in temporal perspective adds a possibility not only real, as verified in the stratigraphic record. Large variations are more easily noticed, however, a string of dates, combined with a careful analysis of the stratigraphic sequence in the disposition of the remains can reveal small changes taking place. It would be like to focus the image and get better clarity in the resolution.

The process of gradual change, slow and cumulative is also prioritized in light of Darwinian Archeology. Societies are seen from the viewpoint of Darwin's²⁰ work, where a primarily historicist analysis seeks to explain the historical background observed in excavations across a range of concepts used in biology. In summary not only a historical and theoretical, Lima²¹ shows how the process of cultural change is observed within a historical-biological concepts which should be considered as a variation, heredity and selection. Thus:

“The transposition of evolutionary theory and principles in archeology suggests that the archaeological record, a record considered as an evolving organic fossil record, to be read and explained in the light of these principles, keeping those same core issues.”²²

If viewed from the perspective of biological evolution, the process of change can still, in a fortuitous case, although admittedly rare, provid-

dos vestígios arqueológicos se deram de forma lenta e gradativa.

Mais uma vez, acompanhando as tendências do trabalho etnológico, surge uma alternativa ao enfoque funcional/processual da sociedade na pesquisa arqueológica. Adotando elementos do estruturalismo de Lévi-Strauss, arqueólogos como Leroi-Gourhan¹⁷ e Deetz¹⁸, sugeriram uma abordagem estruturalista para a arqueologia. Na busca pelas estruturas do pensamento e suas significantes na cultura material, a arqueologia estruturalista procura associar o material arqueológico aos significados maiores da cultura, buscando uma explicação para os padrões de confecção-estilo-representação dentro de um todo cultural, que está refletido na cultura material.

Aqui, pode ser encontrado um acréscimo feito por André Leroi-Gourhan¹⁹ muito valioso. Percorrendo o curso da história, na passagem das estruturas sociais dos grupos primitivos para os primórdios da economia agrícola, o autor cita sítios no Oriente Médio que mostram durante dois milênios a passagem quase imperceptível entre sociedades caçadoras-recoletoras a agrupamentos com cultivo de trigo e criação de cabras. Essa mudança na perspectiva temporal acrescenta uma possibilidade não só real, como verificável no registro estratigráfico. Grandes variações são mais facilmente percebidas, entretanto, uma sequência de datações, aliada a uma análise criteriosa na disposição estratigráfica da sequência dos vestígios pode revelar pequenas transformações em curso. Seria como focalizar a imagem e obter melhor nitidez na resolução.

O processo de mudança gradativa, lenta e acumulativa, também é priorizado sob a óptica da Arqueologia Darwiniana. As sociedades são observadas segundo a óptica da obra de Darwin²⁰, na qual uma análise prioritariamente historicista busca explicar o percurso histórico observado nas escavações por meio de uma gama de conceitos utilizados pela biologia. Em uma síntese não só histórica como teórica, Lima²¹ mostra como o processo de mudança cultural é observado, dentro de um plano histórico-biológico, em que devem ser considerados conceitos como

¹⁹ LEROI-GOURHAN, A. *Op. cit.*

²⁰ DARWIN, C. *On the Origin of Species*. Londres: Penguin Books, 1860.

²¹ LIMA, T. A. “Teoria Arqueológica em Descompasso no Brasil: o caso da Arqueologia Darwiniana”. *Revista de Arqueologia da Sociedade de Arqueologia Brasileira – SAB*. São Paulo, n. 19, 2006, pp. 125-142.

²² LIMA, T. A. *Op. cit.*, p.128

¹⁷ LEROI-GOURHAN, A. *Le Geste et la Parole, tome 1: Technique et Langage*. Paris: Albin Minchel, 1964.

¹⁸ DEETZ, J. *Invitation to archaeology*. New York: The Natural History, 1967.

¹⁹ LEROI-GOURHAN, A. *Op. cit.*

²⁰ DARWIN, C. *On the Origin of Species*. Londres: Penguin Books, 1860.

²¹ LIMA, T. A. “Teoria Arqueológica em Descompasso no Brasil: o caso da Arqueologia Darwiniana”. *Revista de Arqueologia da Sociedade de Arqueologia Brasileira – SAB*. São Paulo, n. 19, 2006, pp. 125-142.

variação, hereditariedade e seleção. Assim:

A transposição da teoria evolutiva e seus princípios para a arqueologia propõe que o registro arqueológico, considerado um registro evolutivo tanto quanto um registro orgânico fóssil, seja lido e explicado à luz desses princípios, mantendo essas mesmas questões centrais.²²

Se visto sob a óptica da evolução biológica, o processo de mudança ainda pode, em um caso fortuito, embora reconhecidamente raro, proporcionar mudanças de forma abrupta, como uma mutação acidental e radical pode interferir no curso da evolução das espécies. Lenta ou drasticamente, quaisquer dos dois caminhos podem ser usados dentro do escopo explicativo da Arqueologia Darwiniana, embora a noção de processo cumulativo de seleção das características adquiridas seja o destaque principal da Teoria da Evolução das Espécies (DAWKINS)²³.

Se por um lado, a arqueologia processual via nas mudanças culturais as repostas a mudanças externas, a corrente pós-processual inverte esse foco, transportando para o interior da sociedade o estopim dos mecanismos de transformação. A estrutura social estaria em um permanente processo de interação entre normas e indivíduos, sempre dinâmico e com movimentos nos dois sentidos. O processo de mudança então passa a um ponto central na análise quando todo o conjunto sociocultural começa a ser percebido como um complexo sistema de respostas individuais (ou de grupos) às normas vigentes, em um permanente movimento de transformação e acomodação.

O processo de mudança é visto agora por um novo ângulo. Os indivíduos ou grupos atuam de forma constante, tanto na manutenção das regras quanto na resistência a elas. O mais importante, porém, é a percepção de que a mudança ou continuidade pode vir unicamente do interior da sociedade, como um processo autóctone, sem necessariamente estar relacionado a fatores externos, de natureza ecológica (como variações climáticas) ou antrópicas (como na difusão ou por força de fatores econômicos).

Aspectos Teóricos

²² LIMA, T. A. *Op. cit.*, p. 128.

²³ DAWKINS, R. *A Escalada do Monte Improvável – Uma Defesa da Teoria da Evolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

ing changes abruptly, as an accidental and radically mutation can affect the course of evolution. Slow or drastic, either of the two paths can be used within the explanatory scope of Darwinian archeology, although the notion of cumulative selection process of acquired characteristics is the major highlight of the Theory of Evolution of Species (Dawkins²³).

On the one hand, Processual Archeology look in the cultural changes responses to external changes, the thought Post-Processual reverses this focus, carrying to into the society the trigger of mechanisms of transformation. The social structure would be in a constant process of interaction between norms and individuals, always dynamic, with movements in both directions. The process of change then becomes a central point in analysis when the whole socio-cultural begins to be perceived as a complex system of individual responses (or groups) to current standards, in a permanent transformation movement and accommodation.

The process of change is now seen from a new angle. Individuals or groups working steadily, both in maintaining the rules and in resistance to them. Most importantly however, is the perception that change and continuity can only come from within the society, as an autochthonous process, without necessarily being related to external factors, of ecological nature (such as climate variability) and anthropogenic (such as diffusion or by forces of economic factors).

Theoretical Aspects

As noted, different theoretical perspectives presented their solutions to try to explain the changes in the stratigraphic record. Each did so within the paradigm direction, seeking mechanisms to provide the answers that were obtained which was intended to solve. Those run by a historicist approach seeking to relate their explanations often involving the time factor in their formulations, while other paradigms relegate this concern to the background, looking for structural interpretations more than time-based explanations. This fact does not mean that the historicist currents are more or less suitable for archaeological work, but dealing with the passing of time with more detail. Even

²³ DAWKINS, R. *A Escalada do Monte Improvável – Uma Defesa da Teoria da Evolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

synchronous approaches have brought undeniable contributions.

It is essential to assume that a change in the archaeological record can have multiple meanings. In an opposite sense with regard to continuity, by itself, does not require large abstractions because it has a little self-explanatory in that the cohesive forces were able to maintain the established frame culture. Indicates that one way of life was maintained for a certain period of time and the forces of changing were not able to change it. Look for a reason for it is now a more complex, but not impossible to be obtained, although in some cases it may be unlikely. Precisely delineate a chronological period of continuity is, in fact, the biggest challenge. The change, moreover, has something new, and the reasons for the introduction can be varied. Thus, it is expected that the change presents itself as bounding and model of continuity, punctuating the timeline, setting the periods of continuity and marking breaks.

Moreover, if the continuity in the records pointing to a theoretically less complex explanation, in the case of change, the difficulties are endless. Initially, a very difficult point to answer is if the material record is the result of the same society, whose preferences or needs a reformed worldview and cultural material is reflecting that. In this case, we can say that there was a shift in the way of life, from point “A” to point “B”. And the reasons for this may be as diverse as diffusion, discovery of new technology, domination, for example. It is important to note that the traces do not necessarily indicate a progression of technology in the archaeological record. There is no way to argue for a process of change where there is no material basis for it, after all, this is the record material to which the archeology is inextricably linked.

Environmental pressures, for example, can lead to a society to leave the way of life pre-horticulture and regain its former hunter-gatherer stage. The transition took place in a way that there was a “regression” in technological standards. However, hardly the discovery of a new technology may lead to a situation like this. Moreover, the same society can produce a set of different tools using material according to the method of life, without necessarily a new population has been installed in place. Diffusion and domination can be applied, but in this case, the most plausible reasons must be sought within the society itself.

Como foi observado, diferentes correntes teóricas apresentaram suas soluções para tentar explicar as mudanças no registro estratigráfico. Cada qual o fez dentro do paradigma que a norteava, buscando apresentar mecanismos para que fossem obtidas as respostas as quais se pretendia solucionar. Aquelas dirigidas por um enfoque historicista procuram relacionar suas explicações sempre envolvendo o fator tempo em suas formulações, ao passo que outros paradigmas relegam essa preocupação a um segundo plano, buscando interpretações mais estruturais do que temporais. Este fato não significa que as correntes historicistas são mais ou menos adequadas para o trabalho arqueológico, mas que tratam do transcórrer do tempo com mais detalhamento. Mesmo enfoques sincrônicos trouxeram inegáveis contribuições.

É fundamental partir do princípio de que uma mudança no registro arqueológico pode ter vários significados. Em um sentido relativamente inverso, a continuidade, por si só, não exige grandes abstrações, porque tem um pouco de autoexplicativa, na medida em que as forças de coesão foram capazes de manter o quadro cultural estabelecido. Indica que aquele modo de vida foi mantido por determinado período de tempo e que as forças de mudança não foram capazes de alterá-lo. Buscar uma razão para isso já é uma questão mais complexa, mas não impossível de ser obtida, embora em alguns casos, possa ser improvável. Delimitar com precisão um período cronológico de continuidade é, na verdade, o maior desafio. A mudança, por outro lado, apresenta algo de novo, e as razões desse advento podem ser diversas. Assim, espera-se que a mudança apresente-se como delimitadora e modeladora da continuidade, pontuando a linha do tempo, estabelecendo os períodos de continuidade e marcando as rupturas.

Por outro lado, se a continuidade nos registros aponta para uma explicação teoricamente menos complexa, no caso da mudança, as dificuldades são incontáveis. Inicialmente, um ponto bastante difícil para se responder é se o registro material é fruto da mesma sociedade, cujas preferências ou necessidades reformularam a visão de mundo e a cultural material está refletindo isso. Nesse caso, podemos dizer que houve uma transição no modo de vida, do ponto “A” para o ponto “B”. E as razões para isso podem ser diversas, como difusão, descoberta de nova tecnologia, dominação, por exemplo. É importante observar que os vestígios não precisam, necessariamente, indicar uma progressão tecnológica no registro arqueológico. Não há como argumentar a favor de um processo de mudança sem que exista base material para

isso, afinal, trata-se do registro material ao qual a arqueologia está intrinsecamente ligada.

Pressões ambientais, por exemplo, podem levar uma sociedade a deixar o modo de vida pré-horticultor e retomar seu antigo estágio de caçador-coletor. A transição se deu de uma forma em que houve uma “involução” nos padrões tecnológicos. Contudo, dificilmente a descoberta de uma nova tecnologia pode ocasionar uma situação como essa. Por outro lado, uma mesma sociedade pode produzir um conjunto de utensílios utilizando material distinto de acordo com o seu modo de vida, sem que necessariamente uma nova população tenha se instalado no local. Difusão e dominação podem ser aplicadas, mas nesse caso os motivos mais plausíveis devem ser procurados dentro da própria sociedade.

Em outro caso, a mudança no registro arqueológico pode indicar a substituição da sociedade inicial para uma população diferente, produtora de uma cultura material diferente. Nesse caso, houve uma substituição, um vazio ocupacional por um determinado tempo (que pode ser pequeno, no caso de uma expulsão ou migração forçada), e que outra sociedade ocupou aquele espaço deixando novos padrões no registro arqueológico. Uma situação perfeitamente plausível para esse caso pode ser um desastre natural, conforme tratado por Torrence & Grattan²⁴. Em todos esses casos a difusão já não se aplica, pois o grupo inicial deixou o local de origem.

Além dos exemplos mostrados acima, há um para o qual é preciso chamar especial atenção. É raro observar o papel da guerra dentro das pesquisas mais amplas, que se propõem a explicar a transição ou dinâmica populacional em espaços geográficos mais amplos. Em regiões mais populosas o contato intercultural pode gerar pressões que resultam em guerra (e não cabe aqui especular sobre os motivos). Esse fator deve ser sempre levado em consideração, justamente porque ele pode gerar tanto a transição quanto a substituição, seja pela expulsão ou pelo domínio. No caso de uma sociedade dominante, com maior capacidade militar, até a continuidade pode ser consequência da guerra, uma vez que esta impõe seu modo de vida aos demais dominados e fica parcialmente imune a algumas forças externas de mudança. O caso do “modelo cardíaco” (HECKENBERGER)²⁵, elabo-

In another case, the change in the archaeological record may indicate the replacement of the original society to a different population, producing a different material culture. In this case, there was a substitution, an occupational empty for a certain time (which may be small in the case of a forced expulsion or migration), and that the space occupied another society leaving new standards in archaeological record. A perfectly plausible situation for this case can be a natural disaster, as discussed by Torrence & Grattan²⁴. In all these cases the diffusion no longer applies, because the original group left the place of origin.

In the examples shown above, there is one for which you have to call special attention. It is rare to observe the role of war in the broader studies that purport to explain the transition and population dynamics in broader geographic areas. In more populated areas intercultural contact can generate pressures that result in war (and it is not here to speculate on the reasons). This factor should always be taken into account, precisely because it can generate both the transition and replacement, either by expulsion or by domain. In the case of a dominant society, with more military capability, can be continued until the result of the war, since it imposes its way of life dominated and the other is partially immune to some external forces of change. The case of “heart model” (Heckenberger²⁵), designed to explain the geography of population in the central Amazon shows how the territorial dispute and better living conditions generates an intense dynamics of territorial occupation, with direct consequences on the livelihood of the society involved. The material culture, of course, reproduces this model more or less directly.

In principle, it seems tempting to say that external factors are able to produce more rapid changes in society and less deep. The move to a new territory or climate problems require, by their nature, immediate solutions. Domination, for example, can revolutionize the lifestyle of a society literally overnight. But in the end, when and if there

²⁴ TORRENCE, R. & GRATTAN, J. (org). *Natural Disaster and Cultural Change*. London: Routledge, 2002.

²⁵ HECKENBERGER, M. J. *et al.* “De onde Surgem os Modelos? As origens e

²⁴ TORRENCE, R & GRATTAN, J. (org). *Natural Disaster and Cultural Change*. London: Routledge, 2002.

²⁵ HECKENBERGER, M. J. *et al.* “De onde Surgem os Modelos? As origens e expansões Tupi na Amazônia Central”. *Revista de Antropologia* vol. 41 n. 1, 1998. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034770119_98000100003&lng=en&nrm=iso&tlng=PT>

is a liberation, forced cohabitation can generate a resulting culture that may seem completely foreign to the original culture.

But one must keep in mind that the change can also have purely internal causes (Mithen²⁶). In this case, if it is possible to formulate a theoretical approach to the process of change within the socio-cultural sphere, it is based on the fact that there is a movement to the *status quo* at which the society always shows high resistance to any movement to provide variations to all types. Nothing new is absorbed spontaneously or unpretentious. Whatever the new one, he always meets with resistance. The culture establishes for himself a perimeter, marking their boundaries and functions as a shield against any penetration.

There is a point, after all, that appears to offer some firmness to it all. Adaptive responses to external sources are frequent, but it is always possible to say that constrained the way of life or world view of each society. Isn't conceivable that a pre-historic group, for example, which can, by virtue of any one environmental factor, respond to this in a way that is outside the scope of culture.

The answer to a factor involving the livelihoods cannot come from nowhere else than the conception of the world outlined by culture. The imprisonment, captivity, slavery and black miscegenation in colonial Brazil produced an effect that clearly illustrates this fact, as shown Marquese²⁷. Cultural resistance to a dramatically different economic model generated forms of African tribal expression of the universe within the Brazilian colonial culture. Religious syncretism between Catholicism and the worship of the natives of Africa shows greatly how the answer through always the ideological slant, whatever the stimulus, demand, need or interest, related to the economy, subsistence or whatever.

In this sense, different formats of material cul-

rado para explicar a geografia populacional na Amazônia Central mostra como a disputa por território e melhores condições de sobrevivência gera uma intensa dinâmica de ocupação territorial, com consequências diretas no modo de vida das sociedades envolvidas. A cultura material, obviamente, reproduz todo esse modelo de forma mais ou menos direta.

Em princípio, parece tentador afirmar que fatores externos são capazes de produzir mudanças mais rápidas e menos profundas na sociedade. A mudança para um novo território ou mesmo problemas climáticos exigem, por sua natureza, soluções imediatas. A dominação, por exemplo, pode revolucionar o modo de vida de uma sociedade literalmente da noite para o dia. Mas ao final, quando e se houver uma libertação, a convivência forçada pode gerar uma cultura resultante que pode parecer completamente estranha à cultura original.

Mas é preciso ter em mente que a mudança também pode ter causas estritamente internas (MITHEN)²⁶. Neste caso, se for possível formular uma aproximação teórica para o processo de mudança dentro da esfera sociocultural, esta aproximação se baseia no fato de que há um movimento no sentido da manutenção do *status quo*, na qual a sociedade mostra sempre grande resistência a qualquer movimento que proporcione alterações de todos os tipos. Nada de novo é absorvido de forma espontânea ou desprezível. Qualquer que seja o novo, ele sempre encontra resistência. A cultura estabelece para si um perímetro, que marca seus limites e funciona como escudo contra qualquer penetração.

Existe um ponto, afinal, que parece oferecer uma certa firmeza a tudo isso. Respostas adaptativas a fontes externas são frequentes, mas é possível afirmar que são sempre condicionadas ao modo de vida ou à concepção de mundo de cada sociedade. Não é possível conceber que um grupo pré-histórico, por exemplo, possa, em virtude de um fator ambiental qualquer, responder a este de uma forma que esteja fora de seu escopo cultural.

A resposta a um fator que envolva a subsistência não pode advir de nenhum outro lugar que não seja a concepção de mundo delineada pela cultura. O aprisionamento, cativo, escravidão e

²⁶ MITHEN, S. "Archeological Theory and Theories of Cognitive Evolution". in Hodder, I (org). *Archeological Theory Today*. Cambridge: Blackwell Publishers Ltd., 2001, pp. 98-121.

²⁷ MARQUESE, R. B. "A dinâmica da escravidão no Brasil: resistência, tráfico negreiro e alforrias, séculos XVII a XIX". *Novos estud.* - CEBRAP [online], 2006, n.74 [citado 2011-05-05], pp. 107-123. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002006000100007&lng=pt&nrm=iso>.

expansões Tupi na Amazônia Central". *Revista de Antropologia* vol. 41 n. 1, 1998, Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S003477011998000100003&lng=en&nrm=iso&tlng=PT>.

²⁶ MITHEN, S. "Archeological Theory and Theories of Cognitive Evolution". in Hodder, I (org). *Archeological Theory Today*. Cambridge: Blackwell Publishers Ltd., 2001, pp. 98-121.

miscigenação negra no Brasil colonial produziram um efeito que ilustra bem esse fato, conforme mostra Marquese²⁷. A resistência cultural a um modelo econômico drasticamente diverso gerou formas de expressão do universo tribal africano dentro da cultura colonial. O sincretismo religioso entre o catolicismo e os cultos nativos da África mostra sobremaneira como a resposta passa sempre pelo cunho ideológico, seja qual for o estímulo, demanda, necessidade ou interesse, relacionado à economia, subsistência ou ao que for.

Nesse sentido, formatos diferentes de cultura material não significam necessariamente uma substituição, mas uma aculturação. A cultura dominante “A” gera pressão sobre a cultura dominada “B”, que ao longo do tempo gera uma resultante “C”. Ao mesmo tempo em que “B” não existe mais no seu formato original, é inevitável que “A” também possa ter se modificada (a proporção entre a assimilação é variável, caso a caso). Ao longo de um percurso histórico, variável, a tendência é que “A” e “B” desapareçam, restando apenas “C”. Barker *et al*²⁸ fornecem um bom exemplo sobre os resultados da transformação na cultura material local, resultante do processo de dominação, em Wadi Faynan, no sul da Jordânia.

Por outro lado, movimentos internos de mudança são capazes de gerar transformações estruturais significativas, mas seu processo é, em geral, muito mais difícil de ser percebido do que o anterior. Transformações internas não propõem, necessariamente, respostas imediatas a necessidades básicas de subsistência, nem pretendem dar nenhuma resposta urgente a um estímulo que esteja pondo em risco a sobrevivência. No entanto, esse movimento refaz contínua e lentamente os modelos por meio dos quais serão dadas as respostas a estímulos, externos ou não.

Vista por esse ângulo a sociedade é, portanto, mais que dinâmica, é inquieta. Aparentemente, sua estabilidade mantém a ordem e supre as necessidades humanas de viver em sociedade. O processo de transformação é inexorável, mas se passa em uma

ture do not necessarily mean a replacement, but an acculturation. The dominant culture “A” generates pressure on the culture dominated “B”, which over time generates a resulting “C”. At the same time “B” no longer exists in its original format, it is inevitable that “A” may also have been modified (ratio of assimilation varies in each case). Along a historical route, variable, the tendency is that “A” and “B” will disappear, leaving only “C”. Barker *et al*²⁸ provides a good example of the transformation results in the local material culture, resulting from the process of domination, in Wadi Faynan, southern Jordan.

By other side, internal movements of change can generate significant structural changes, but the process is generally more difficult to perceive than the former. Internal changes do not suggest necessarily immediate answers to basic subsistence needs, or want to take any urgent response to a stimulus that is endangering the survival. However, this movement continues, slowly remakes models through those will be given the responses to stimuli, external or not.

Seen in this angle the society is, therefore, more than dynamic, is restless. Apparently, the stability maintains its order and supplies the human needs of living in society. The transformation process is inexorable, but goes into a sphere of action slow, almost imperceptible to those who are embedded in it. What can cause a feeling of continuity is, according to Braudel²⁹, the slow course of change occurring so slow that even in the eyes of an outsider does not seem to be happening.

If seen this way, the continuity was not only a consequence of a temporal observation? With all these forces in action, it would be presumed that no social environment would remain unchanged. However, if the strength of the *status quo* is greater than the sum of all stimuli (internal and external) change, the system can be maintained indefinitely.

²⁷ MARQUESE, R. B. “A dinâmica da escravidão no Brasil: resistência, tráfico negreiro e alforrias, séculos XVII a XIX”. *Novos estud.* - CEBRAP [online], 2006, n. 74 [citado 2011-05-05], pp. 107-123. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002006000100007&lng=pt&nrm=iso>.

²⁸ BARKER, G.; DALY, P. & NEWSON, P. “Impacts of Imperialism: Nabataean, Roman, and Byzantine Landscapes in the Wadi Faynan, Southern Jordan”. in: ROBERTSON *et al* (org.) *Space and Spatial Analysis in Archaeology*. Alberta: University of Calgary Press, 2002, pp. 269-277.

²⁸ BARKER, G., DALY, P. & NEWSON, P. “Impacts of Imperialism: Nabataean, Roman, and Byzantine Landscapes in the Wadi Faynan, Southern Jordan”. in: ROBERTSON *et al* (org.) *Space and Spatial Analysis in Archaeology*. Alberta: University of Calgary Press, 2002, pp. 269-277.

²⁹ BRAUDEL, F. *La Historia y las Ciencias Sociales*. Madrid: Alianza Editorial. 1970.

_____. “História e Ciências Sociais. A longa duração”. *Escritos sobre a História*. 2ª. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992, pp. 41-78.

In this case, the processes that can trigger any change would be dormant. It's hard to imagine any hypothetical model unlikely that these two movements are missing in action.

There is still a problem can greatly hinder the understanding of small changes. Where noted, a number of archaeological pieces, for more homogeneous it can be, rarely fails to show small variations, even within the same layer occupational or even of the same family unit. In this case, the general context should serve as a basis for determining whether changes are the result of a general movement or whether they are individual stylistic variations. One cannot deny the individual's role within its environment action. However, to make the identification of these moments can be a really thorny. The difficulties of this are innumerable, and complications arising from a hasty approach require constant attention. As the individual is always inserted into the larger context, it is necessary to caution the suggestion of any hypothesis in this regard. The allocation would be more prudent when the larger context, unless the researcher is quite safe to attribute these movements to an individual sphere.

Technical Aspects

If establishing chronological sequences has limitations in theory, in practice direct labor, these complications are repeated. Before anything, to try understanding the processes of continuity and change are necessarily looking to launch a diachronic study on the object. In this sense, it is assumed that *"Time is one of the main vectors of archeology. In fact, independent of working in a historical perspective or an anthropological perspective, without the dimension of time there would be no archeology"*.³⁰

Certainly the first point that stands out is the hardest work as one goes back in time. Given the fragility and scarcity of the remains and the earliest sites, any attempt at reconstruction of the archaeological context is significantly more complex. You can take the example of Upper Paleolithic Europe. Oldest, rarest become more fragile sites and the remains can found there are able to provide some information.

In Historical Archeology, by other side, the

esfera de ação mais lenta, quase imperceptível aos que nela estão inseridos. O que pode causar a sensação de continuidade é, de acordo com Braudel²⁹, o transcurso lento de mudança ocorrendo de forma tão morosa, que mesmo aos olhos de um observador externo parece não estar acontecendo.

Se observada dessa forma, a continuidade não seria apenas uma consequência da observação temporal? Com todas essas forças em ação, seria presumível que nenhum ambiente social pudesse permanecer imutável. No entanto, se a força de manutenção do *status quo* for maior do que a soma de todos os estímulos (internos e externos) de mudança, o sistema pode ser mantido indefinidamente. Nesse caso, os processos capazes de desencadear qualquer mudança ficariam latentes. É muito difícil imaginar qualquer modelo hipotético improvável em que esses dois movimentos em ação estejam ausentes.

Ainda existe um problema capaz de dificultar em muito a compreensão acerca das pequenas alterações. Sempre que observado, um conjunto de peças arqueológicas, por mais homogêneo que seja, raramente deixa de apresentar pequenas variações, mesmo dentro da mesma camada ocupacional ou até de uma mesma unidade familiar. Nesse caso, o contexto geral deve servir de base para determinar se as variações são frutos de um movimento geral ou se são variações estilísticas individuais. Não se pode negar o papel do indivíduo dentro do seu ambiente de ação. No entanto, realizar a identificação desses momentos pode ser uma tarefa realmente espinhosa. As dificuldades para isso são inumeráveis, e as complicações decorrentes de uma abordagem precipitada requerem atenção constante. Como o indivíduo está sempre inserido dentro do contexto maior, é preciso muita cautela para a sugestão de qualquer hipótese nesse sentido. O mais prudente seria a atribuição sempre ao contexto maior, a menos que o pesquisador esteja bastante seguro para imputar esses movimentos sociais a uma esfera individual.

Aspectos Técnicos

Se estabelecimento de sequências cronológicas tem suas limitações na teoria, na prática direta do trabalho essas complicações se repetem. Antes de qualquer coisa, buscar compreender os

³⁰ BICHO, N. F. *Manual de Arqueologia Pré-Histórica*. Lisboa: Edições 70, 2006, p. 189.

²⁹ BRAUDEL, F. *La Historia y las Ciencias Sociales*. Madri: Alianza Editorial. 1970. _____ . "História e Ciências Sociais. A longa duração?". *Escritos sobre a História*. 2ª. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992, pp. 41-78.

processos de continuidade e mudança implica, necessariamente, lançar um olhar diacrônico sobre o objeto de estudo. Nesse sentido, parte-se do princípio de que “O tempo é um dos vetores principais da arqueologia. De fato, e independente de se trabalhar numa perspectiva histórica ou numa perspectiva antropológica, sem a dimensão do tempo não haveria arqueologia”³⁰.

Certamente, o primeiro ponto que chama a atenção é a maior dificuldade de trabalho à medida que se recua no tempo. Tendo em vista a fragilidade e escassez dos vestígios e dos sítios mais antigos, qualquer tentativa de reconstrução do quadro arqueológico fica significativamente mais complexa. Pode-se tomar como exemplo o Paleolítico superior europeu. Quanto mais antigos, mais raros se tornam os sítios e mais frágeis são os vestígios neles encontrados em condições de fornecer alguma informação.

Na Arqueologia Histórica, por outro lado, a presença de relatos escritos torna a tarefa relativamente menos árdua (embora não possa ser descrita como fácil). Contudo, a observação de alguns detalhes pode reduzir em muito as dificuldades de se trabalhar com a pré-história. Os documentos escritos são substituídos por outros, que o próprio pesquisador pode produzir.

Com as técnicas de datação disponíveis atualmente, parece evidente que qualquer tentativa na elaboração de modelos de mudança/continuidade deva necessariamente, contar com o suporte dessas informações. A tentativa do estabelecimento de sequências cronológicas com base nas informações tipológico-classificatórias fica incompleta pela falta de datações, podendo até incorrer em erros de interpretação (DARK)³¹.

Uma das premissas do trabalho de campo parte do princípio de que dentro de um mesmo sítio, a sequência estratigráfica aponta, com relativa segurança, que as camadas superiores são mais recentes do que as inferiores, salvo raras exceções. Mas quanto? Sem uma dimensão temporal à disposição, o pesquisador fica incapacitado de montar qualquer modelo de ocupação sequencial confiável com base somente na estratigrafia e/ou tipologia. Além disso, a percepção de continuidade fica debilitada. Em se tratando de ocupação, as datações das camadas informam o tempo de manutenção de um determinado conjunto de artefatos, e tudo o mais que isso possa implicar.

³⁰ BICHO, N. F. *Manual de Arqueologia Pré-Histórica*. Lisboa: Edições 70, 2006, p. 189.

³¹ DARK, K. R. *Theoretical Archaeology*. New York: Cornell University Press, 2005, p. 87.

presence of written reports becomes the task less difficult (although not described as easy). However, the observation of some details can greatly reduce the difficulties of working with pre-history. Written documents are replaced by others, which the researcher can produce itself.

With dating techniques currently available, it seems clear that any attempt at modeling of change/continuity must necessarily rely on the support of such information. The attempt of establishing chronological sequences based on typological-qualifying information was incomplete due to lack of dates, and may even incur errors of interpretation (Dark³¹).

One of the premises of the field work assumes that within the same site, the stratigraphic sequence points, with relative certainty that the upper layers are more recent than the lower, with few exceptions. But how much? Without a temporal dimension available, the researcher is unable to mount any model of sequential occupation reliable based solely on the stratigraphy and/or typology. Moreover, the perception of continuity was weakened. In terms of occupation, the dating of the layers informs the service time of a particular set of artifacts, and whatever else it may entail.

To better illustrate this fact, in a purely hypothetical example, we might suggest a site with three layers of well-defined occupation. The top, called “A” is 50 inches thick and features ceramic remains. The layer “B” is 25 inches, and lithic and ceramic material. Finally, the bottom layer “C” has the same 50 cm of the first, only with lithic material. At first glance, looking at based on typological and stratigraphic record, the interpretation suggests a rapid phase of change or transition. By other side, the dating could inform that the intermediate layer has two or more time of occupancy related to other two. That is, the thinner stratigraphic layer contains sediments that took longer to accumulate.

This is not to devalue the importance of sequence stratigraphic and typological analysis. They are fundamental in the interpretation of the site. However, this information has limited scope in terms of timing and, wherever possible, should be coupled with dating and any new method that makes the interpretation in the temporal sphere

³¹ DARK, K. R. *Theoretical Archaeology*. New York: Cornell University Press, 2005, p. 87.

more consistently. However, the research should not be limited only to the temporal vector. The size of the geographic context to be addressed also has a direct influence on the conduct of research, and especially, in the result.

The first sphere that must be taken into account is the unity of the archaeological site. As stated above, temporal-historical study of the site taking into account only information stratigraphic and typological will produce a limited result (which does not mean it's bad, far from it). Nevertheless, the use of spatial-temporal information, based on a sequence of dates, can certainly facilitate the development of a consistent model of occupation from the information obtained in the field. Gaspar³² describes briefly a site (shell mound Jabuticabeira II in Jaguaruna-SC) whose sequence dating revealed an uninterrupted occupation of the site for about a thousand years or more. This example is important to highlight the fact that the author draws this conclusion by citing also the stratigraphic record. Definitely, without the presence of dates, this information could be seriously distorted only a merely typological analysis.

When the intention is to preparation of a time explaining to a small group of sites, dating a series of geographically positioned becomes crucial. The correlation of the dates obtained records associated with stratigraphic sequenced certainly throws a solid foundation for any further explanation. In this context, the dating of the sites remains fundamental. But, if on one hand the need to temporally fix each layer has the same significance as in the case of a single site, at least one set of two or more dates for each of them is very important for the interpretation and analysis of the dispersion the process of occupation of the area in question.

Although still presented preliminary data, a work of rescue archeology in the Upper Paraná River basin (Kashimoto & Martins³³) brings through several dates, a framework rich enough about the sequence of occupations in the sub-basins of the Ivinhema, Pardo and Verde rivers. This case needs attention to the number of layers

Para ilustrar melhor esse fato, dentro de um exemplo meramente hipotético, poderíamos sugerir um sítio com três camadas de ocupação bem definidas. A superior, denominada "A", tem 50 centímetros de espessura e apresenta vestígios cerâmicos. A camada "B" tem 25 centímetros, e material lítico e cerâmico. Por fim, a camada inferior "C" tem os mesmos 50 centímetros da primeira, somente com material lítico. À primeira vista, observando com base no registro estratigráfico e tipológico, a interpretação sugere uma fase rápida de mudança ou transição. Por outro lado, as datações poderiam informar que a camada intermediária tem o dobro ou mais de tempo de ocupação em relação às outras duas. Ou seja, a camada estratigráfica menos espessa contém sedimentos que levaram mais tempo para se acumular.

Não se trata de desvalorizar a importância da sequência estratigráfica e análise tipológica. Elas são fundamentais na interpretação do sítio. No entanto, essas informações têm um alcance limitado em termos cronológicos e, sempre que possível, devem ser aliadas às datações e a qualquer novo método que torne a interpretação na esfera temporal de forma mais consistente. Contudo, a pesquisa não deve se limitar apenas ao vetor temporal. A dimensão do contexto geográfico a ser abordado também tem influência direta na condução da pesquisa e, principalmente, no resultado.

A primeira esfera que se deve ter em conta é a unidade do sítio arqueológico. Como foi citado acima, o estudo histórico-temporal de um sítio tendo-se em conta apenas informações estratigráficas e tipológicas produzirá um resultado limitado (o que não quer dizer que seja ruim, longe disso). Não obstante, o uso de informações espaço-temporais, baseadas em uma sequência de datações, certamente pode viabilizar a elaboração de um modelo de ocupação consistente baseado nas informações obtidas em campo. Gaspar³² descreve brevemente um sítio (sambaqui Jabuticabeira II, em Jaguaruna [SC]), cuja sequência de datações revelou uma ocupação ininterrupta do local por cerca de mil anos ou mais. Esse exemplo é importante para ressaltar o fato de que a autora tira essa conclusão citando também o registro estratigráfico. Definitivamente, sem a presença de datações, essa informação poderia ser seriamente distorcida somente com uma análise meramente tipológica.

³² GASPAR, M. *Sambaqui: arqueologia do litoral brasileiro*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004, p. 45.

³³ KASHIMOTO, E. M. & MARTINS, G. R. "Panorama Arqueológico da Margem Direita do Rio Paraná-MS: Do Povoamento por Caçadores-Coletores a Índios Guaranis Coloniais?". *Clio Série Arqueológica* n. 14: UFPE, Recife, 2000, pp. 299-318.

³² GASPAR, M. *Sambaqui: arqueologia do litoral brasileiro*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004, p. 45.

Quando a intenção é a confecção de uma explicação temporal para um pequeno grupo de sítios, uma série de datações geograficamente posicionadas torna-se fundamental. A correlação das datas obtidas associadas aos registros estratigráficos sequenciados certamente lançará uma base sólida para qualquer explicação posterior. Nesse contexto, a datação dos sítios continua fundamental. Mas, se por um lado a necessidade de fixar temporalmente cada camada não tem a mesma importância como no caso de um único sítio, um conjunto de pelo menos duas ou mais datas para cada um deles é de suma importância para a interpretação da dispersão e análise do processo de ocupação da área em questão.

Embora ainda apresente dados preliminares, um trabalho de arqueologia de salvamento na bacia do Alto Rio Paraná (KASHIMOTO & MARTINS)³³ traz, por meio de várias datações, um quadro bastante rico sobre a sequência de ocupações nas sub-bacias dos rios Ivinhema, Pardo e Verde. Esse caso chama a atenção pela quantidade de camadas datadas nos sítios estudados e como a abundância desse tipo de informação já traça, por si só, boa parte dos processos de mudança na região. De posse desses dados, é possível buscar explicações mais completas sobre os processos de continuidade e mudança. Caso contrário, um grande esforço seria necessário para formar um quadro ocupacional usando de outros métodos, que não seriam tão completos e fidedignos.

Em um belo trabalho de comparação estilística da arte rupestre na região centro-norte de Minas Gerais, Seda³⁴ consegue estabelecer momentos estilísticos regionais, um possível centro de convergência destes momentos no sítio Boqueirão Soberbo e, inclusive, uma faixa de transição entre a Tradição Planalto (na região de Lagoa Santa) e a Tradição São Francisco (no norte do Estado), justamente na região da Serra do Cabral. Embora todo o cenário possa ter sido muito enriquecido em termos tipológicos, a falta de datações, problema comum a todo estudo envolvendo arte rupestre, não permite o estabelecimento de uma cronologia nem a correlação com os grupos de artefatos coletados

³³ KASHIMOTO, E. M. & MARTINS, G. R. "Panorama Arqueológico da Margem Direita do Rio Paraná-MS: Do Povoamento por Caçadores-Coletores a Índios Guaranis Coloniais". *Clio Série Arqueológica* n. 14: UFPE, Recife, 2000, pp. 299-318.

³⁴ SEDA, P. "Arte Rupestre do Centro, Norte e Noroeste de Minas Gerais, Brasil". In: OLIVEIRA, Ana Paula de Paula Loures de (org.). *Arqueologia e Patrimônio de Minas Gerais*. Juiz de Fora: Editar, 2007, pp. 11-32.

dating from the sites studied and how the abundance of this type of information already draws, by itself, much of the change processes in the region. Armed with this data, is possible to search for more complete explanations about the processes of continuity and change. Otherwise, a great effort would be needed to form a framework for occupational using other methods, which would not be as complete and reliable.

In a nice work of stylistic comparison of rock art in the central north of Minas Gerais (Brazil), Seda³⁴ manages to establish regional stylistic moments, a possible point of convergence of this moments in Boqueirão Soberbo site and even a transition strip between the Planalto Tradition (near Lagoa Santa site) and São Francisco Tradition (upstate), precisely in the Serra do Cabral. Although the entire scenario could have been much enriched in typological terms, the lack of dating, a common problem throughout the study of rock art, does not allow the establishment of a chronology nor the correlation with the groups of artifacts collected during excavations (those with higher possibilities as to the timing). The fact is that dating for rock art style producing is complex, but this case is important to illustrate how the lack of dates can disrupt the production of a more complete model.

For huge regions, such as countries or states, the stratigraphic record still retains largely its capacity to contribute to the formation of a broader model of occupation. In this case, dates of some sites (and again, much more, better) strategically positioned along the region under study, if was nicely chosen, can result, for example, in a continental occupying model. Martin's³⁵ work nicely illustrates a situation like this, dealing with the occupation of northeastern Brazil. On the other hand, not always available to date provides a better approximation of the object. To Lourdeau³⁶, despite having horizons more or less well defined for the lithic industries

³⁴ SEDA, P. "Arte Rupestre do Centro, Norte e Noroeste de Minas Gerais, Brasil". In: OLIVEIRA, Ana Paula de Paula Loures de (org.). *Arqueologia e Patrimônio de Minas Gerais*. Juiz de Fora: Editar, 2007, pp. 11-32.

³⁵ MARTIN, G. *Pré-história do Nordeste do Brasil*. 2ª Ed.. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1999.

³⁶ LOURDEAU, A. "A Pertinência de uma Abordagem Tecnológica para o Estudo do Povoamento Pré-Histórico do Planalto Central do Brasil". *Revista Habitus: Revista do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia da Universidade Católica de Goiás*, Goiânia, 2003, pp. 685-710.

of Central Brazil, has a very unusual typological differentiation, especially for Itaparica Tradition. The proposed analysis based on lithic technology allowed the creation of some hypotheses, but couldn't reach a conclusion about the processes of change occurring in the transition and formation of these horizons. However, in this particular case, the geographical dispersion of sites of Itaparica Tradition should be further investigated.

Another aspect of this problem relates to the surface sites. Without the possibility to compose a chronological sequence based on the stratigraphy, the study of the temporal dimension can be weakened. As an aggravating factor, the facts of occupation of various moments are present in a same horizon blending technological profiles, which can generate confusion. In this case, both, the chronological sequence as the technology are literally shuffled. The investigation of sites of Itaparica Tradition based on lithic technology also comes up against this problem. The solution to this problem was very well prepared by Bueno³⁷. In this paper the author suggests an analysis for surface sites divided into three stages: the typological study of the material, the spatial dispersion of the sites and the association of the first two moments of the sites in depth layers which can help define the moments of the occupation of surface sites. This association allows not only surface sites fit within a chronological scheme as well as use them as reliable points of geographic dispersion over time.

Conclusion

In the framework discussed here is quite clear that working with change and continuity from the archaeological record is a complex task. Therefore, it is necessary to meeting the highest amount of information possible so that an attempt in this direction can be raised. It is quite evident that the archeological sites should be treated in order to build a broader framework, and to this end, technical measures should be adopted, even for work has no immediate aspirations in addressing the processes of change and continuity. By the way, are technical limitations such as shortage of dates, which hamper the work in this field.

It is clear, therefore, the need to more abundant

³⁷ BUENO, L. "O Sítio Lajeado 1 e os Palimpsestos do Brasil Cental". *Revista de Arqueologia da Sociedade de Arqueologia Brasileira – SAB* n. 18, São Paulo, 2005, pp. 25-42.

nas escavações (estes sim, com maiores possibilidades quanto à datação). É fato que produzir datações para estilos rupestres é algo complexo, mas esse caso é importante para exemplificar como a falta de datas pode atrapalhar a confecção de um modelo mais completo.

Para grandes regiões, como países ou estados, o registro estratigráfico ainda mantém em grande parte a sua capacidade de contribuição para a formação de qualquer modelo de ocupação mais amplo. Nesse caso, datações de alguns sítios (e novamente, quanto mais forem, melhor) estrategicamente posicionados ao longo da região em estudo, se bem escolhidos, podem resultar, por exemplo, em um modelo de ocupação continental. O trabalho de Martin³⁵ ilustra muito bem uma situação como essa, tratando da ocupação do Nordeste brasileiro. No sentido oposto, nem sempre a disponibilidade de datas permite uma melhor aproximação do objeto. Para Lourdeau³⁶, apesar de possuir horizontes mais ou menos bem definidos para as indústrias líticas do Brasil Central, tem uma diferenciação tipológica muito incomum, especialmente para a Tradição Itaparica. A análise proposta com base na tecnologia lítica permitiu a elaboração de algumas hipóteses, mas não pôde chegar a uma conclusão sobre os processos de mudança ocorridos na transição e formação desses horizontes. No entanto, nesse caso específico, a dispersão geográfica dos sítios de Tradição Itaparica precisa ser melhor investigada.

Uma outra face deste problema diz respeito aos sítios de superfície. Sem a possibilidade de compor uma sequência cronológica com base na estratigrafia, o estudo da dimensão temporal pode ficar debilitado. Como agravante, o fato de vários momentos de ocupação estarem presentes em um mesmo horizonte mistura os perfis tecnológicos, podendo gerar confusão. Nesse caso, tanto a sequência cronológica quanto a tecnológica estão literalmente embaralhadas. A investigação dos sítios de Tradição Itaparica com base na tecnologia lítica também esbarra neste problema. A solução para este tipo de problema foi muito bem elaborada por Bueno³⁷. Neste trabalho o autor sugere uma análise para sítios

³⁵ MARTIN, G. *Pré-história do Nordeste do Brasil*. 2ª Ed.. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1999.

³⁶ LOURDEAU, A. "A Pertinência de uma Abordagem Tecnológica para o Estudo do Povoamento Pré-Histórico do Planalto Central do Brasil". *Revista Habitus: Revista do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia da Universidade Católica de Goiás*, Goiânia, 2003, pp. 685-710.

³⁷ BUENO, L. "O Sítio Lajeado 1 e os Palimpsestos do Brasil Central". *Revista de Arqueologia da Sociedade de Arqueologia Brasileira – SAB* n. 18, São Paulo, 2005,

superficiais, dividida em três momentos: o estudo tipológico do material; a dispersão espacial dos sítios e a associação dos dois primeiros momentos aos sítios em profundidade cujas camadas podem ajudar a delimitar os momentos de ocupação dos sítios superficiais. Essa associação permite não só enquadrar sítios superficiais dentro de um esquema cronológico como também usá-los como pontos confiáveis de dispersão geográfica ao longo do tempo.

Conclusão

No quadro aqui exposto fica bastante claro que trabalhar com mudança e continuidade, baseado no registro arqueológico, é uma tarefa complexa. Portanto, faz-se necessária a reunião da maior quantidade de informações possíveis, para que uma tentativa nesse sentido possa ser alçada. É bastante evidente que os sítios devem ser tratados com vistas para a construção de um quadro mais amplo, e que para tal, medidas técnicas devem ser adotadas, até mesmo por trabalhos que não têm aspirações imediatas na resolução dos processos de mudança e continuidade. Aliás, são as limitações técnicas, como a escassez de datações, que dificultam o trabalho nesse campo.

Fica clara, portanto, a necessidade de datações mais abundantes nos trabalhos. Sem estes dados, a pesquisa fica restrita a aproximações tipológicas. A tipologia tem um grande papel na pesquisa, estabelecendo estilos, técnicas de fabrico, variações regionais de forma e estilo etc., mas sozinha fica incapaz de fornecer dados que possam gerar quadros temporais mais amplos.

No âmbito teórico, as dificuldades ainda são grandes. Nuances como transição e substituição ainda são difíceis de serem observados, mas não impossíveis. Direcionar o foco para a questão talvez seja o mais importante. Em linhas gerais, o processo de continuidade e mudança parece mais claro e passível de explicação se decomposto em várias partes, e que cada uma dessas partes possa ser vista separadamente (pressão ambiental, difusionismo, disponibilidade de recursos etc.). Em seguida, descartando-se alguns aspectos menos favoráveis ou inviáveis, pode-se concentrar a atenção em fatores mais atrativos e/ou aceitáveis.

A apresentação das inúmeras dificuldades que permeiam o estabelecimento de sequências cronológicas precisas nada mais é do que uma tentativa de sugerir apontamentos capazes de serem

dating in archeological works. Without these data, the research is restricted to typological approaches. The typology has a big role in the research setting styles, manufacturing techniques, regional variations in form and style, etc., but alone is unable to provide data that can generate larger time frames.

At the theoretical level, the difficulties are still large. Nuances such as transition and replacement are still difficult to be observed, but not impossible. Direct the focus to the question is perhaps the most important. In general, the process of continuity and change seems clearer and more likely explanation is decomposed and various parts, and that each of these parts can be viewed separately (environmental pressure, diffusionism, resource availability, etc.). Then, discarding some aspects less favorable or impractical, you can concentrate on more attractive factors and / or acceptable.

The presentation of the numerous difficulties that underlie the establishment of precise chronological sequence is nothing more than an attempt to suggest appointments can be tested and / or applied research in the field and laboratory practices. However, the questioning of widely used theoretical aspects can generate a set of practical actions to correct "defects" that were not noticed until then. Suggestions and questions about how to point this look are the central point of all that was exposed here.

Finally, the major conclusion to be drawn after this analysis is that there is no rule under which you can create a formula predictable response socio-cultural. Rule that applies to this point to predict or explain exhaustively and determining how a society has opted for the maintenance of its state by force or amending it. The variables involved are such that we need more support points.

But this is nothing new within the humanities. If there is a pattern of behavior for humans is that there is no pattern to his behavior. In search of an explanation, however, one should try to observe the archaeological record through all those variables presented here, and so many more not mentioned. Identifying something closer, the next step is to find an answer to the problem.

If seen by this angle, the problem of continuity and change could be worked that way. The process would be observed by many variables as possible and perhaps even of all known, like lenses. The most appropriate lens can offer the best focus, and

the process will have a more lucid. Since archeology requires a good observation of its object, nothing better than multivariate lens that can be used in an attempt to improve a bit as distorted images that are presented to us.

testados e/ou aplicados nas pesquisas práticas de campo e laboratório. No entanto, o questionamento de aspectos teóricos amplamente aplicados pode gerar um conjunto de ações práticas na correção de “vícios” que até então não eram notados. Sugestões e questionamentos sobre como apontar esse olhar constituem o ponto central de tudo o que foi exposto aqui.

Por fim, a maior conclusão que se pode tirar depois desta análise é que não há regra sob a qual se possa criar uma fórmula previsível de resposta sociocultural. Regra esta que seja aplicável a ponto de prever ou explicar de forma taxativa e determinante, de que modo uma sociedade optou pela manutenção do seu estado vigente ou por sua alteração. As variáveis envolvidas são tantas, que são necessários mais pontos de apoio.

Mas isso não é novidade dentro das ciências humanas. Se existe um padrão de comportamento para o ser humano é que não há padrão para o seu comportamento. Na busca por uma explicação, entretanto, deve-se tentar observar o registro arqueológico por meio de todas essas variáveis apresentadas aqui, e tantas outras mais não mencionadas. Identificando algo aproximado, o passo seguinte é encontrar uma resposta para o problema.

Se visto por esse ângulo, o problema envolvendo continuidade e mudança poderia ser trabalhado dessa forma. O processo seria observado tendo em vista o maior número de variáveis possível e talvez até mesmo de todas as conhecidas, como se fossem lentes. As lentes mais apropriadas podem oferecer o melhor foco, e o processo terá uma imagem mais lúcida. Uma vez que a arqueologia demanda uma boa observação do seu objeto, nada melhor do que lentes multivariadas que possam ser utilizadas na tentativa de melhorar um pouco as imagens tão distorcidas que nos são apresentadas.